

A Paisagem como Imagem e Representação do Espaço na Geografia Humana

Marcio Pereira Santos*

Resumo

Neste artigo procuramos dar uma base teórica mais aprofundada, assim como maior divulgação, a uma frente de pesquisa considerada pouco explorada na Geografia Humana, pela qual, a partir do paradigma do Espaço como objeto de estudo e da Paisagem como categoria de análise, defendemos a tese da Paisagem como sendo imagem e representação de espaço apropriado e produzido pelo homem. Utilizaremos, para tanto, fontes teóricas contemporâneas (Milton Santos, David Harvey, Gottdiener, etc.) e da própria história do pensamento geográfico (Hartshorne, Carl Sauer etc.), assim como outras teorias das ciências humanas, sobretudo da Filosofia (Sartre, Wittgenstein, etc.).

Palavras-chave

Espaço, Paisagem, Imagem, Representação, Geografia.

Abstract

In this paper we give a theoretical basis for further and enhanced disclosure, a line of research considered underexplored in Human Geography, in which, from the paradigm of space as an object of study and the landscape as a category of analysis, we advocate the thesis Landscape as image and representation of appropriate space and man-made. We use to do that, contemporary theoretical sources (Milton Santos, David Harvey, Gottdiener, etc.). And the history of geographical thought (Hartshorne, Carl Sauer etc.). As well as other theories of human knowledge, especially of philosophy (Sartre, Wittgenstein, etc.).

Key-words

Space, Landscape, Image, Representation, Geography.

Diferenciando espaço e paisagem: o objeto de estudo como existência e a categoria de análise como essência¹

O geógrafo está em campo, observa a Natureza posta a sua frente, percebe suas formas, seus conteúdos, sua localização. "Essas diferentes qualidades têm características comuns: em primeiro lugar, elas se dão a meu olhar como existências que apenas posso constatar e cujo ser não depende de forma alguma do meu capricho. Elas são para mim, não são eu. Mas também não são outrem, isto é, não dependem de nenhuma espontaneidade, nem da minha, nem da de outra consciência. São, ao mesmo tempo, presentes e inertes. Essa inércia do conteúdo sensível,

frequentemente descrita, é a **existência** em si" (SARTRE, 1982, p.5). Com isso o filósofo ensina a este geógrafo que, de nada serve discutir se a Natureza se reduz a um conjunto de representações ou se é ou deve ser mais do que isso. O certo é que a Natureza não pode ser produzida por nossa espontaneidade. "Esta forma inerte, que está aquém de todas as espontaneidades conscientes, que devemos observar, conhecer pouco a pouco, é o que chamamos uma coisa. Em hipótese alguma minha consciência seria capaz de ser uma coisa, porque seu modo de ser em si é precisamente um ser para si. Existir, para ela, é ter consciência de sua existência. Ela aparece como uma pura espontaneidade em face do mundo das coisas que

*Doutor em Geografia Humana pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

é pura inércia. Podemos, pois, colocar desde a origem dois tipos de existência: é, com efeito, na medida em que são inertes que as coisas escapam ao domínio da consciência; é sua inércia que as salvaguarda e que conserva sua autonomia" (SARTRE, 1982, p. 5).

A Natureza, tal como a folha de Sartre (a qual se comenta mais adiante) é autônoma, detém uma inércia de conteúdo, com isso demonstrando que independe da nossa consciência para poder existir, pois existe em si. Mas, a solução encontrada pelo filósofo para se apossar da folha permite que a nossa consciência de geógrafo se apossa da Natureza de outro modo.

O geógrafo esta de volta ao gabinete, a ao laboratório, ao ateliê. A Natureza não está mais a sua frente. Agora vê a Natureza sobre aquele papel da sua prancheta, no seu bloco de anotações (na tela do seu computador, na sua mesa digitalizadora). A Natureza não está mais presente, não está mais aí. "Sei, entretanto, muito bem, que ela não se aniquilou: sua inércia a preserva disso" (SARTRE, 1982, p. 5). A Natureza cessou, simplesmente, de ser para ele. No entanto, ei-la de novo. O Geógrafo não voltou para o campo, seu olhar continua voltado para o papel da prancheta, do bloco de anotações, nada se mexeu ao seu lado. A Natureza lhe aparece de novo com suas formas, seus conteúdos, sua localização. Sabe ele muito bem, no momento em que ela lhe aparece, que é prontamente a Natureza que presenciou, observou há pouco. "É ela, verdadeiramente, em pessoa? Sim e não", responde o filósofo (SARTRE, 1982: 6). O geógrafo afirma que, sem dúvida, é a mesma Natureza com as mesmas qualidades, mas não ignora que ela ficou lá, no seu lugar, pois sabe que neste momento ele não desfruta de sua presença e, se quer vê-la realmente precisa voltar ao campo e, lá, concentrar seu olhar para tudo o que está a sua volta. A Natureza que lhe aparece, neste momento, na prancheta, no bloco de anotações, tem uma identidade de essência com a Natureza que ele viu a pouco, em campo. "E, por **essência**, não entendo somente a estrutura, mas, ainda, a individualidade mesma. Essa **identidade de essência**, porém, não está acompanhada por uma **identidade de existência**" (SARTRE, 1982, p.

6. grifo nosso). É bem a mesma Natureza, aquela que ainda está lá no campo, mas, ela, nos ensina o filósofo, existe, agora, de outro modo: "Eu não a vejo, ela não se impõe como um limite à minha espontaneidade; tampouco é um inerte existindo em si. Em uma palavra, ela não existe de fato, **existe em imagem**" (SARTRE, 1982, p.6 – grifo nosso).

Apesar de iniciarmos fazendo referência ao estudo da Natureza, tanto ela quanto a Superfície Terrestre e o Espaço, são considerados objetos em diferentes momentos da história do pensamento geográfico. São objetos de estudo. Em Teoria do Conhecimento, ao falarmos em "objetos", estamos nos referindo às coisas com existência independente, capazes de serem percebidas e pensadas pelo homem a partir da relação que este mantém entre eles e com o ambiente em que se vive e, sobre o qual se constroem teorias. Na história da Filosofia, a relação entre homem e objeto só passou a ser resolvida por intermédio de um artifício do pensamento que distingue duas características da cognição humana frente ao objeto, qual sejam: a consideração do objeto como possuindo ao mesmo tempo uma "existência" e uma "essência". Existência é o próprio objeto, enquanto a essência é a relação do homem com este objeto. Existência quer dizer que o objeto é aquilo que existe, com sua "*inércia do conteúdo sensível*", sua "*autonomia*", aquilo que é independentemente da vontade ou de alguma qualidade criativa humana. Essência é a relação do homem com este objeto autônomo com o qual, usando do pensamento, procura lhe conferir uma identidade, "*identidade de essência*", sua estrutura, sua individualidade.

Sendo assim, o objeto é um dado anterior ao homem, e como tal independe deste para poder existir. Ora, tendo uma existência independente do homem, uma forma independente de sua vontade ou qualidade criativa qualquer, cabe a este homem, na medida em que reconhece sua essência, sua identidade de essência, trabalhar com um aspecto da sua cognição frente a este objeto a fim de apossá-lo, qual seja: a imagem. Imagem é a forma cognitiva com a qual o homem representa a essência do

objeto a fim de apossá-lo e com ele operar relações: construir teorias, agregar valores, etc.

Encontramos em Jean-Paul Sartre (1905 – 1980), em seu livro *"A imaginação"* (1982), um excelente exemplo de filósofo que trabalhou, com maestria, esta dupla qualidade do objeto, denominando-o como *"identidade de existência em si"* e como *"identidade de essência em si"*. Sartre fez esse exercício de pensamento ao brincar com a metáfora da folha branca sobre a escrivaninha de seu escritório e iniciar sua crítica da relação sujeito e objeto, nos oferecendo, também, a oportunidade de fazermos o mesmo exercício em Geografia ao observarmos, em campo, a Natureza. Logo, o objeto, a coisa, possui uma existência e uma essência.

Utilizamos Sartre para demonstrar a saída que a Filosofia encontrou para superar a dicotomia da relação entre o homem e o objeto, sujeito e objeto, a qual Kant (1724 – 1804) impôs a todo o pensamento filosófico em meados do século XVIII ao defender que dos objetos somente teríamos direito a nos aproximarmos dos fenômenos a eles correlatos. Dicotomia esta que durou até as primeiras formulações de Hegel (1770 – 1831) sobre a dialética (TERRAY, 1980). Além de nosso exemplo do Existencialismo de Sartre, foi também, um desenvolvimento do pensamento filosófico trazido pela Fenomenologia, a qual fez a crítica ao domínio do empirismo científico, quando procurou demonstrar que a percepção e pensamento são entidades diferentes e complementares, quando tratou sobre a relação homem e ambiente, homem e objetos. O ápice deste esclarecimento filosófico da relação sujeito e objeto apareceu em Ludwig Wittgenstein (1889 – 1951) que procurou uma solução disciplinando o pensamento humano por meio de da lógica da linguagem. (CHAUÍ, 1995; SARTRE, 1982; BÉJIN, 1978; RUSSEL; 2008; WITTGENSTEIN, 2008, FOERST, 1978).

É dentro desta perspectiva, da relação homem e objeto, do "objeto existência" e do "objeto essência", que trabalharemos a relação Espaço e Paisagem na Geografia onde, consideramos, o primeiro, um objeto de estudo e, a segunda, uma categoria de análise capaz de ser teorizada como imagem e representação do primeiro.

O espaço considerado como objeto existência e a paisagem com imagem da essência

Essa perspectiva considera o Espaço, a Natureza, a Superfície Terrestre, como objetos que possuem uma existência, objetos com existência em si, que foram e são trabalhados teoricamente como objeto de estudo pelo pensamento geográfico desde as primeiras tentativas de sistematização da Geografia como ciência. A cognição teórica destes objetos pelo homem é um exercício de pensamento sobre a essência em si destes mesmos objetos. Estabelecido isto, consideramos que a essência destes objetos, ou seja, um dos resultados da relação de apropriação ou produção que estes proporcionam ao homem seria então a construção de imagem. Entendemos que esta imagem do objeto da Geografia, uma maneira do geógrafo pensar teoricamente a essência do seu objeto de estudo, é a Paisagem. Sendo assim, a paisagem seria uma imagem do espaço, adotando este como sendo o objeto da Geografia mais comumente utilizado por seus teóricos. Mas, seria uma imagem da Natureza, da Superfície Terrestre, sendo estes e não aquele os objetos da Geografia sobre os quais outras correntes do pensamento geográfico também constroem suas teorias, categorias e análises.

Todavia adotamos o Espaço como objeto de estudo da Geografia, que é sempre pensado a partir da análise da apropriação e produção de espaço, independentemente de seu enfoque, seja sua perspectiva a da *"valorização"*, a do *"sistema de objetos e sistema de ações"*, a do *"ambiente construído"*, a da *"imaginação sociológica versus imaginação geográfica"*, da *"produção social"*, etc. (SANTOS, 1996; MORAES & COSTA, 1987; HARVEY, 1980, 1993; CASTELLS, 1981; LEFEBVRE, 1974; GOTTIDIENER, 1993). Com isso a paisagem é, dentro desta perspectiva, uma imagem da essência do espaço apropriado e produzido como existência. Definida a paisagem como imagem, falta agora a representação.

A Paisagem como uma imagem e representação do espaço

O espaço formado por objetos é ele mesmo um objeto de nossa observação, de nossa apreensão. Sendo assim, pode ser recortado e analisado sob diversos ângulos, como, por exemplo, a partir de nossa escala, a escala do olhar do indivíduo. Porém, além do olhar do indivíduo, o espaço pode ser representado de diversas maneiras, sendo que, no caso da Geografia, comumente é representado através de projeções cartográficas ou simbólicas, cujo resultado é visto geralmente em mapas.

Dentro desta perspectiva dos diversos recortes e representações que pode sofrer o espaço, consideramos a paisagem como sendo a forma visível mais comum e a qual mais se aproxima da realidade do indivíduo em todos seus aspectos cognitivos sensoriais.

O espaço enquanto objeto, coisa, matéria, resultado de relações, existe independentemente de nossa vontade, de nossa faculdade sensitiva, cognitiva. Esta é uma qualidade do objeto que, em termos da linguagem filosófica, como apresentada a pouco, chamamos de existência. Essa existência em si do espaço não é a existência em si de qualquer objeto, coisa, mas sim a existência em si de um objeto múltiplo e falciforme (sem forma definida), formado pela existência em si de infinitos objetos em relação. Por ser múltiplo e falciforme se acostumaram os geógrafos a viverem um intenso debate sobre quais são os limites e escalas de categorias de análise do espaço, geralmente denominadas como Território, Região, Lugar; assim como seus diferentes critérios de identificação, que variam de território para território, de região para região, de lugar para lugar, de localização para localização.

Quando o espaço se torna objeto de apreensão, em termos da filosofia da relação sujeito e objeto ele passa a ser uma essência em si, isto é, o objeto como descreveu Sarte: passa a ser imagem em nossa imaginação, Por outro lado, para objetivar o espaço, recorreremos a Física e Matemática para que seja representado e se materialize aos nossos olhos com o auxílio dos axiomas da geometria. É nesse momento, em que se materializa aos olhos do indivíduo, que surge a imagem da Paisagem. A imagem da Paisagem surge no momento em que uma fração de espaço

passa a ser apreendido e representado através da união de axiomas geométricos com técnicas da arte, que definem cores, intensidades, distâncias, profundidades. Daí o título desse nosso artigo: *a Paisagem como Imagem e Representação do Espaço na Geografia Humana*.

A Paisagem, como disse no início, é a Natureza existindo de outro modo, é uma imagem e representação afastada de uma fração do espaço pensado de forma teórica. Paisagem esta que se materializa aos nossos olhos por meio de um suporte, uma base de sustentação, a fim de ser manipulada, teoricamente pensada, a exemplo do croqui, da pintura, de "mapas de paisagem", da fotografia, etc. O geógrafo, por exemplo, em seu laboratório, seu gabinete, de volta do campo, ao observar aquela fotografia, separando o horizonte da superfície, tomada da plantação de café, com os trabalhadores na colheita, os silos ao fundo, provavelmente chamará aquela imagem de paisagem rural e logo em seguida poderá fazer uma análise da produção do espaço agrícola. Por outro lado, este mesmo geógrafo, de volta de outro trabalho de campo, ao observar outra fotografia, separando o horizonte da superfície, desta vez tomada de um aglomerado de edifícios, avenidas, viadutos, automóveis, pessoas entre trajas formais e uniformes, provavelmente chamará aquela imagem de paisagem urbana e logo em seguida poderá analisar a produção do espaço urbano daquele lugar.

Ao mesmo tempo em que a paisagem é uma imagem e representação afastada do espaço ela possui com ele uma "*identidade de essência*", porque seu conteúdo e informação, que lhe permite ser pensada teoricamente, são dados pelo espaço do qual se origina. Nós geógrafos acostumamos chamar de paisagem rural aquela originada da produção agrícola do espaço, ou de paisagem urbana aquela originada da produção urbana do espaço, não é assim? Ou, em termos modernos da Geografia Crítica, chamamos de paisagem rural aquela originada da produção social agrícola do espaço, valorização agrícola do espaço, ou ainda, de paisagem urbana aquela originada da produção social urbana do espaço, valorização urbana do espaço, do ambiente construído, não é assim? Logo, é nesse sentido

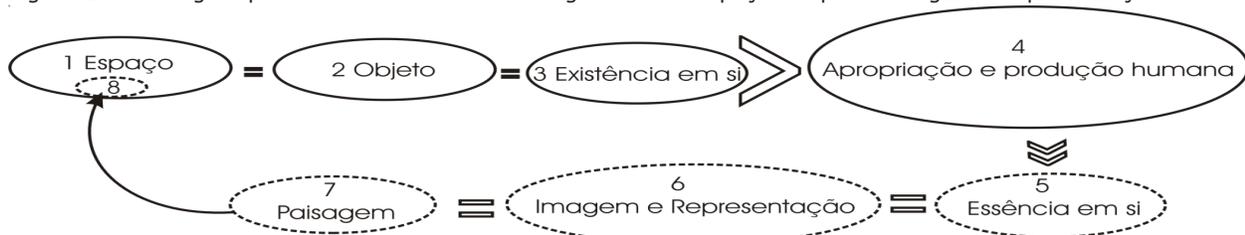
que abordamos a paisagem, como imagem e representação, isto é, a paisagem possuindo uma identidade de essência do espaço considerado como existência, o qual será responsável por seu entendimento e explicação.

Essa construção teórica não é um jogo de palavras ou um dualismo qualquer, tampouco uma adaptação da singularidade do pensamento filosófico sobre a relação sujeito e objeto, ou uma abordagem da Física, mas, em síntese, a usamos para dizer que **a paisagem representa o espaço, mas ao mesmo tempo não é o espaço enquanto objeto, apesar de guardar com ele uma identidade de origem, a qual denominamos de essência.** Enfim, podemos resumir essa lógica da relação sujeito e objeto na Geografia em uma frase: **a paisagem é a essência do espaço em imagem e representação.**

Essa ideia apareceu de outra forma ao longo da história da abordagem da relação sujeito e objeto, tanto na Filosofia quanto na Física, como, por exemplo, quando Newton (1642 – 1727) falava da existência de um espaço absoluto e sua representação vulgar como espaço relativo, ou em Kant quando falava em uma dada estética transcendental de um objeto que existe, mas que apenas o apreendemos enquanto manifestação dos fenômenos, como dissemos a pouco. Estas denominações, como as de Newton e Kant, são do tempo em que nomeações ou representações

do objeto eram semimaterias ou semiespirituais, daí em certo tempo da história encontramos filósofos e pensadores a se referirem em termos como “mundano”, “vulgar”, “transcendental”, “espiritual”, “divino”. Em Wittgenstein, encontramos o desencantamento dessas denominações no momento em que a experiência do pensamento humano frente ao objeto ganhou mais universalidade com o desenvolvimento da lógica da linguagem, por exemplo, ao falar da figuração: “2.171. A figuração pode afigurar toda realidade cuja forma ela tenha. A figuração espacial, tudo que seja espacial: a colorida tudo que seja colorida” (WITTGENSTEIN, 2008, p.145). Seguindo a mesma direção, Sartre também se afastou daquelas apreensões fantásticas a fim de trazer o objeto para uma interpretação real, uma interpretação mais humana, ao trabalhar a idéia de imagem do objeto, imagem do pensamento. Enfim, ao classificarmos como essência, deve-se entender que a estrutura e a individualidade, o conteúdo e a informação da paisagem que nos aparece são dados pelo espaço da qual é imagem e representação. A individualidade da paisagem está no sentido de que esta possui uma identidade de origem que somente pode ser explicada por “elementos”, “fatores”, “objetos”, “coisas” que formam o espaço a qual representa, assim como uma “localização” única, neste mesmo espaço; como tentamos assim demonstrar no esquema abaixo, na figura 1.

Figura 1. A Paisagem possui uma identidade de origem com o espaço do qual é imagem e representação.



(1) O Espaço como objeto de estudo da Geografia é, ele mesmo, um **(2) objeto**, ou **conjunto de objetos**, que possui uma **(3) existência em si**, isto é, existe no real independentemente da existência humana. O Homem, porém, têm a possibilidade de proceder, através da **(4) apropriação e produção humana** do espaço, a teorizações da **(5) essência em si** deste mesmo espaço advindas da faculdade de pensar sua relação cognitiva com o meio. Este espaço teoricamente pensado se materializa por meio da **(6) imagem e representação** que o homem faz da essência em si deste mesmo espaço. Esta imagem e representação do espaço é o que chamamos de **(7) Paisagem**. Esta paisagem, logo, tem sua origem num determinado **(8) fragmento do espaço**, que é sua identidade de origem com o **(1) Espaço** que verdadeiramente existe como objeto da geografia.

Todavia, esta paisagem representada em imagem, que acaba de ser apreendida não é acompanhada da identidade de existência do espaço o qual representa. Esta paisagem é bem o espaço que a pouco esteve em nossa frente e que acaba de ser representado, mas este espaço passa a existir de outro modo, passa a existir enquanto imagem e representação em nossa mente, em nossa consciência, numa tela, num mapa, numa fotografia, ou seja, transformado em diferentes matizes do espectro eletromagnético e

demonstrado em traços geométricos. É por isso que a paisagem, também, pode ser considerada uma imagem e representação aproximada do espaço, isto é, uma categoria de análise com a qual podemos pensá-lo teoricamente recorrendo às mais diversas teorias. Encontramos, na figura 2, um exemplo desta transformação da imagem da paisagem em um suporte de representação em trabalhos como os de MARTINELLI e PEDROTTI (2001), que elaboraram uma metodologia de construção da cartografia das unidades de paisagem:

Figura 2. Os passos da cartografia das unidades de paisagem de MARTINELLI & PEDROTTI (MARTINELLI & PEDROTTI, 2001, p.34)



A partir deste momento, da representação, podemos trabalhar a paisagem do ponto de vista teórico, ou seja, teorizar a paisagem a partir do espaço a qual deve sua origem. Nesse momento, também, não vemos mais a paisagem apenas "com os olhos" e, como fração de espaço, ela não impõe limites a nossa consciência interpretativa. Podemos produzi-la, reproduzi-la da forma que quisermos, de acordo com a escolha que fazemos dos objetos cognoscíveis, nossas ligações teóricas, pontos de vista teóricos, etc. Podemos, até mesmo, representá-la de forma independente de sua existência enquanto espaço. Por não possuir uma existência em si, mas sim ser uma essência em

si do espaço que representa, podemos representá-la de várias formas, a exemplo da figura 3, onde demonstramos a cidade de São Paulo em tempos imperiais, em duas paisagens: a imaginada, de autoria anônima, e a documentada, a partir da Várzea do Carmo, em aquarela sobre papel de autoria de Anaude Julien Pallière (1784 - 1862). Essa representação evoluiu na história da civilização desde as pinturas rupestres, passando pelas aquarelas, gravuras, fotografias, etc.

Figura 3. São Paulo em tempos imperiais em duas paisagens: a imaginada e a documentada, em aquarela sobre papel. (REIS FILHO, 2001; LAGO, 2003)

Figuras 03 e 04. São Paulo em tempos imperiais em duas paisagens: a imaginada e a documentada, em aquarela sobre papel. (REIS FILHO, 2001; LAGO, 2003)



"Dezenho por Idea da cidade de São Paulo" Aquarela anônima, séc. XVIII (Fig.03) e "Varzea do Carmo" aquarela sobre papael. Pallière(Fig.04)

A paisagem não é objeto de estudo da Geografia

Por não ser uma existência em si, a paisagem não pode existir como objeto, pois sua referência é o objeto a qual representa: o espaço. Logo, como muitos de seus teóricos, entendemos que a Paisagem não pode ser considerada como objeto da Geografia. O objeto da Geografia, o espaço, é uma existência em si, cuja, uma de suas imagens e representações é a paisagem. A Paisagem é uma das imagens e representações de espaço porque também o são as diversas geometrias do espaço também utilizadas nas projeções cartográficas da Geografia para representar territórios, regiões e as mais diversas extensões da superfície terrestre, com o uso de cartas de unidade de paisagem, blocos diagramas, imagens de satélite, etc. (BERTRAND, 1978. MARTINELLI & PEDROTTI, 2001), assim como, por outro lado, também o são as representações comumente utilizadas nas Ciências Exatas como a Física e Matemática, a exemplo da geometria euclidiana. Enfim, a paisagem é a representação

em imagem do espaço sobre uma superfície, comumente a superfície terrestre.

A falta de compreensão da Paisagem como não sendo objeto é uma das dificuldades que a Geografia encontra para defini-la. Na Geografia, em muitos momentos encontramos autores falando da paisagem como objeto e, como tal, passam a analisá-la com o mesmo significado do espaço, o mesmo significado do espaço-superfície-terrestre. Ao atentarmos a complexidade do que seja espaço, mais que a simples superfície terrestre, notamos que há uma grande distância entre aquilo que ele idealmente é como objeto múltiplo e a sua representação. David Harvey (1989) foi o geógrafo que procurou dar uma definição a uma dada "forma espacial", tentando unir uma dada "*imaginação geográfica*" com certa "*imaginação sociológica*". Em sua busca da "forma espacial" levantou a questão da representação do espaço com o uso da Geometria, momento no qual reconheceu a Geometria Euclidiana como sendo a mais relevante ao abordarmos a organização e distribuição dos objetos no espaço físico "... *pelo menos até o limite*

do envoltório terrestre", afirmou (HARVEY, 1980, p.19). Em verdade, a Geometria Euclidiana, tem sido a geometria que mais se aproximada da representação da realidade do espaço terrestre e dos fenômenos físicos a ele relacionados. Mas, apesar de estarmos acostumados a pensar que por dois pontos passa uma única reta é importante lembrar que a geometria é uma representação definida a partir de axiomas próprios, porém, que não define o que é espaço em si, ou o que é verdadeiro no real. A geometria através de seus axiomas propicia uma operacionalidade às abstrações do espaço enquanto relação entre objetos, mas não uma forma, limite ou ação dos fenômenos a ele relacionados (EINSTEIN, 1999, p.11). Observação esta também enfatizada por Wittgenstein "3.0321. Podemos muito bem representar espacialmente um estado de coisas que vá contra as leis da física, mas não um que vá contra as leis da geometria" (WITTGENSTEIN, 2008, p.147). Por ser a geometria que melhor representa a superfície terrestre, os geógrafos tenderam em transformar o resultado de sua representação como o objeto e campo de sua ciência, ora a entendendo como espaço, ora a entendendo como natureza, ora a entendendo com relação homem-espaço ou homem-natureza, ora entendendo como paisagem.

Há certa dificuldade da Geografia, reconhecida por vários de seus teóricos, em apreender o espaço enquanto objeto, enquanto conceito e enquanto representação. É muito comum nos havermos em debates sobre o que seja uma forma da cidade, forma do campo ou os limites de um lugar, região ou território e seus intermináveis critérios de delimitação (administrativos, políticos, ecológicos, fenomenológicos, etc.). Por outro lado, há uma clara tendência em fazer da representação do espaço o espaço como existência, ou seja, tomar uma representação como sendo o espaço como realmente ele é. Mas, o espaço não pode ser representado em sua plenitude, em sua forma ideal, pois a representação do espaço é apenas uma aproximação, um fragmento de uma totalidade impossível de ser representada em sua plenitude. A representação do espaço não é o espaço em si, pois é uma "projeção" que se utiliza

de recursos da Matemática e da Geometria. No mesmo sentido, a paisagem é uma representação aproximada do espaço, porém, que ao lado da Matemática e da geometria se utiliza de variadas técnicas e artes de representação.

A paisagem enquanto imagem e representação do espaço é uma imagem e representação menor deste mesmo espaço, por mais sofisticada e minuciosa que seja. Para a paisagem se aproximar do espaço enquanto existência esta apreensão e, por conseguinte, sua representação, idealmente não deveria sofrer nenhum tipo de desvio ou interferência, ou seja, teríamos, hipoteticamente, que representá-lo na impossível escala de um para um, 1:1 (mesmo assim, ainda não seria espaço, seria uma representação). Essa dificuldade de representação é sentida até mesmo na representação mais vulgar do espaço enquanto superfície terrestre, quando é representada, na Geografia, através de mapas. Essa dificuldade é sentida e alertada por cartógrafos quando discutem sobre o assunto: "O maior drama que existe em cartografia é, assim, o de termos que transferir tudo o que existe numa superfície curva, que é a Terra, para uma superfície plana, que é o mapa. Não é difícil, pois, concluirmos, de imediato, que só poderemos conseguir essa transferência, essa passagem, de maneira imperfeita, infiel, isto é, com algumas alterações ou imperfeições. Por isso é que o problema das projeções cartográficas exige, não só de nós, para sua compreensão, como dos matemáticos, astrônomos, cartógrafos, enfim todos os que criam projeções, uma grande dose de imaginação" (OLIVEIRA, 1988, p. 57). Mas, como a totalidade do espaço é inatingível, enquanto representação como objeto, este espaço apenas pode ser representado em parte, e em diferentes níveis de representação, por exemplo, em escalas, em conjunto de conteúdos ou variáveis. Daí a multiplicidade de representação quando falamos em paisagem, daí a multiplicidade de paisagens. A história tradicional da Geografia nos ensina que existem diferentes níveis de representação de espaço: existe o espaço urbano, o espaço rural, o espaço fenomenológico, etc. Associados à cada nível de representação de espaço abrimos sua respectiva imagem, seus

respectivos símbolos, seus respectivos mapas, seus respectivos esquemas.

A crítica da abordagem da paisagem na Geografia

Jean-Paul Sartre, ao falar sobre a imagem do objeto, em seu citado escrito, reconhece que a existência deste objeto, da coisa, em imagem é uma apreensão muito difícil de realizar: "Para isso é preciso contenção de espírito; é preciso que, sobretudo, nos desembaracemos do habito quase invencível de constituir todos os modos de existência segundo o tipo de existência física" (SARTRE, 1982, p.7). Apesar do reconhecimento desta dificuldade, para Sartre, o objeto em imagem e o objeto em realidade são uma única e mesma coisa, só que estão em "*planos diferentes de existência*", mas quando esquecemos de levar em consideração essa nuance corremos o risco de cair na Metafísica: "Já que a imagem é o objeto, concluímos que a imagem existe como objeto. E, dessa maneira, constitui-se o que chamamos de metafísica ingênua da imagem. Essa metafísica consiste em fazer da imagem uma cópia da coisa, existindo ela mesma como uma coisa" (SARTRE, 1982, p. 7).

Dessa mesma constatação de Sartre notamos que o mesmo risco de cairmos nessa metafísica ingênua ocorre quando abordamos uma representação do espaço, que é a paisagem, como sendo objeto de estudo da Geografia, isto é, quando insistimos que a paisagem seja espaço, quando necessariamente queremos que sua imagem e representação seja um objeto, tome o lugar do objeto espaço. Sendo assim, cairemos no erro de uma dada paisagem metafísica, ou "metafísica ingênua do espaço". Metafísica do espaço, paisagem metafísica, porque queremos que uma imagem, uma representação, seja na realidade aquilo que o objeto é: o espaço em sua complexidade. A idéia de espaço como superfície terrestre, adotado comumente por muitos geógrafos, é um exemplo deste erro, pois reduzimos a multiplicidade da existência do espaço a uma simples existência absoluta de uma única e exclusiva forma. Mas a Paisagem enquanto

imagem e representação do espaço é um conceito especial, pois, além de ser, como imagem, a "mais aparente", entre outros motivos, tem sido equivocadamente elevada à condição de objeto de estudo da Geografia.

Houve tempo em que a Geografia quis que a paisagem tomasse o lugar do espaço como objeto e acabou por cair numa dada metafísica ingênua do espaço. Podemos facilmente encontrar em Geografia a paisagem urbana, paisagem rural, paisagem antrópica tratadas não como representação, mas como o próprio espaço, como a própria superfície terrestre. Hartshorne (1971) considerava equivocada a adoção da paisagem como sendo objeto de estudo da Geografia porque esta era apenas uma "forma", a "face externa da superfície sobre a atmosfera terrestre" e que poderia ser melhor captada e representada pelo uso de fotografias tomadas de todos os ângulos possíveis: "A incerteza do significado de 'superfície da terra' poderá ter contribuído para a concepção errônea segundo a qual o objeto do estudo da Geografia se identifica com a 'paisagem'." (HARTSHORNE, 1971, p. 24). O geógrafo Gabriel Rougerie escreveu um livro chamado "Geografia das paisagens" (1971) e achou tantas paisagens quanto geografias: "*As paisagens litorâneas*", que podem ser classificadas em "paisagens de costas rochosas", "paisagens de costas arenosas" e "paisagens de costas pantanosas"; "As paisagens de planícies e planaltos nos países frios" podem ser classificadas em "paisagens das regiões circum-polares", "paisagens abertas dos meios sub-polares", "paisagens florestais dos meios sub-polares"; "As paisagens das planícies e planaltos das latitudes médias" que por sua vez podem ser divididas em... e, assim por diante. Considerou Rougerie que a Geografia poderia ser a ciência que estuda a paisagem caso o objeto desta não fosse o estudo de relações, diferenciação e inter-relação de fenômenos sobre a superfície terrestre. Mas as diferentes paisagens são, em verdade, diferentes níveis de representação de espaço. Realmente, além da constatação de Rougerie, ao tratarmos do assunto "Paisagem" em Geografia, sempre nos aparecem as diferentes formas, diferentes níveis de abordagem, variando de acordo com o entendimento do que seja o objeto

de estudo desta ciência, qual seja: a Superfície Terrestre, a Natureza, o Espaço, ou, até mesmo, a própria "Relação" homem-natureza, homem-espaço ou, ainda, homem-superfície-terrestre.

Para demonstrar as diferentes formas de abordagem da paisagem dentro destes diferentes enfoques do objeto da Geografia faremos um aprofundamento do estudo crítico desta em alguns de seus teóricos, ou seja, geógrafos que direta ou indiretamente tiveram preocupações em conceituar a paisagem. Estudo crítico este que já ensaiamos em nossa tese de doutorado (SANTOS, 2001), com vistas unicamente em demonstrar que as diferentes paisagens são, na verdade, diferentes formas de representação de diferentes entendimentos do objeto de estudo da ciência geográfica. Logo, reforçamos este aspecto, não se trata de uma investigação ou recuperação histórica, mas sim autores por nós selecionados que consideramos serem representativos ao relacionarem sua perspectiva de objeto de estudo da Geografia a um conceito de paisagem e, ao assim procederem, nos oferece a oportunidade de por em discussão nossa perspectiva de paisagem como sendo uma imagem e representação do espaço.

Diferentes geografias diferentes paisagens

Essas diferentes geografias originaram diferentes conceitos e noções de paisagem no decorrer da história do pensamento geográfico desde sua primeira sistematização como ciência. Alexandre Von Humboldt (1769-1859), por exemplo, especulou sobre paisagem a partir de onde muitos teóricos começam: do indivíduo observando a natureza. Descobriu ser, de fato, a paisagem um dado humano. Mas iniciou fundando um estilo único, em sua principal obra "Cosmos", evocando os prazeres, os sentimentos, as sensações que a contemplação da paisagem oferecia ao indivíduo.

A própria origem da palavra e do conceito de paisagem na Geografia gerou considerável debate, bem levantado por Jean Tricart (1981) e Richard Hartshorne (1971).

O geógrafo Carl O. Sauer, considerado fundador da Geografia Cultural que, num primeiro

momento, na década de 1920, reuniu em torno da formulação de um conceito de paisagem a ideia de relação entre formas físicas e culturais, levando em consideração o estudo dos fenômenos da superfície terrestre dividida em áreas, chamada de corologia.

Encontramos um contraponto ao domínio da Geografia Cultural de Sauer em BOBEK & SCHMITHUSEN (1949) que defendem que o objeto de investigação da Geografia são os "espaços da superfície terrestre" em sua expressão "quadrimensional" do presente que identificam como o "mundo da natureza", o "mundo da vida" e o "mundo do espírito". Definido este objeto de investigação o que diferencia a Geografia, para este autor, é o enfoque do geógrafo, que pode ser idiográfico ou nomotético.

Uma outra abordagem original de paisagem em geografia, encontra-se em Augustin Berque (1984) que considera que a paisagem existe e está à disposição de uma análise objetiva, mas essa existência se dá principalmente através da relação com um "sujeito coletivo": a Sociedade. E seria a sociedade quem a produz, reproduz e transforma em função de uma lógica, cujo resultado é uma marca e uma matriz.

O geógrafo Paul Claval (2002), procedeu a uma revisão crítica da Geografia Cultural na qual observou que, esta, principalmente em seu primeiro momento se preocupou mais com os aspectos da produção material humana, ou de grupos humanos, inscrita na superfície terrestre, praticamente não se preocupando com questões referentes a representações simbólicas advindas da relação homem-natureza-local. Paul Claval, apesar de ter levado em consideração à noção de "paisagem marca" e de "paisagem matriz", propôs um novo segmento da geografia advindo de uma separação entre geografia da cultura e a Geografia Cultural que cuide da paisagem. Propôs então uma geografia cultural da paisagem, a qual os geógrafos deveriam se inspirar nos métodos de pesquisa de arqueólogos e etnólogos, cuidaria das "técnicas da vida material", dos estabelecimentos humanos, utensílios e técnicas de produção.

Olivier Dollfus (1972) foi um dos primeiros geógrafos a utilizar a ideia de paisagem

como uma representação do espaço. Com isso, classificou três níveis de paisagem: a paisagem natural, a paisagem modificada e a paisagem organizada. É nesta última paisagem, conforme Dollfus, cuja ação humana transforma o meio natural em meio geográfico. Mas não é apenas isso, pois o conceito de paisagem é complexo e envolve fundamentalmente três implicações importantes: as formas visíveis do mundo em sua composição e estrutura espacial; uma unidade, uma coerência, uma racionalidade do meio ambiente e, por último, envolve a idéia de intervenção e controle das forças humanas que modelam e transformam o mundo.

Quando falamos da Geografia Cultural contemporânea, encontramos teóricos como Denis Cosgrove (1989, 2003) que nos lembra que esta procurou ir além das formas visíveis da paisagem inspiradas pela Geografia Humana americana, desenvolvida a partir dos estudos de Carl O. Sauer. Foi além porque considerou amplo e complexo o conceito de cultura, que envolve aspectos da consciência, da natureza (cultura e natureza) e de poder (cultura e poder) dentro da sociedade. Cosgrove procedeu a uma tentativa de introduzir o materialismo histórico na análise cultural com o que chamou de Geografia Cultural Radical.

Dentre os geógrafos brasileiros, originados da Geografia Crítica, encontramos em Milton Santos um dos teóricos que mais trabalhou a noção de paisagem dentro da perspectiva da dinâmica do espaço e do modo de produção. Sua abordagem de paisagem está presente principalmente nas obras "Pensando o espaço do homem" (1978, 2002), "Metamorfoses do espaço habitado" (1988), "Por uma economia política da cidade" (1994), "Técnica, espaço, tempo" (1994) e "A natureza do espaço" (1996), que representaram progressivamente uma contribuição e uma evolução nos debates em torno do tema.

Estes geógrafos e teóricos do pensamento geográfico nos oferecerão a oportunidade de problematizar a teoria da paisagem em torno da noção de imagem e representação do objeto de estudo da Geografia. São, dentre outros, exemplos da grande variedade de formulações conceituais em torno da paisagem

na Geografia, hora considerada como objeto de estudo, hora como uma categoria de análise, hora como sinônimo de Espaço, Natureza, de Superfície Terrestre ou, até mesmo, de Cultura.

Considerações finais: a paisagem como imagem e representação da apropriação e produção do espaço

Jean-Paul Sartre, quando analisou a questão da imagem da coisa, do objeto, procurou fazer a crítica à Psicologia, se referindo ao fato desta tender em transformar a imagem como sendo a coisa, como uma confusão que se faz entre a "... identidade de essência e identidade de existência. Todos construíram a teoria da imagem a priori" (SARTRE, 1982, p. 8). Ao fazer esse trabalho Sartre ofereceu uma enorme contribuição à teoria do conhecimento filosófico, sobretudo no que diz respeito às relações homem e objeto. Indiretamente também, consideramos ter oferecido a Geografia uma pista às indagações desta ciência sobre a relação homem e espaço, espaço e paisagem. Esta pista está em reforçar a autonomia do objeto frente ao homem, uma autonomia do objeto frente à "relação homem e objeto".

Essa autonomia dos objetos foi muito bem trabalhada pela Filosofia e a Física, desde o final do século XVIII, assim como, logo em seguida por ciências modernas como a Psicologia. Dentre as quais mais este avanço teórico tardou, caso assim podemos dizer, estão a Biologia e suas ramificações (FOERSTER, 1974, p. 132), assim como a Geografia. Na Geografia esse atraso é denunciado pelo consenso entre seus historiadores de que o embate Possibilismo versus Determinismo, que ainda especulava sobre a relação de autonomia entre o homem e o ambiente, durou até o final da década de 1930, com o início de sua superação através dos escritos de Alfred Hettner e Richard Hartshorne (MORAES, 1988; SANTOS, 1986). Na Geografia, a evolução da abordagem em torno da relação homem e objeto aparece com o surgimento da Geografia Crítica com a aplicação do método materialista histórico e das teorias em torno da Economia Política aplicada ao espaço (SANTOS, 1986;

MORAES, 1988; HARVEY, 1980; CAPEL, 1981; GOTTIENER, 1986). Da evolução teórica dessa perspectiva surgem teorizações cuja base vem da teoria do valor aplicada ao espaço, assim como do conflito de classes e de poder, vistas em formulações como a "Produção do Espaço", a "Valorização do Espaço", a "Valor de uso versus Valor de troca aplicado ao espaço", "Produção Social do Espaço", o "Ambiente Construído e o espaço", "Sistema de objetos e sistema de ações", etc. De comum a todas essas abordagens está o fato de que, além de reforçar o espaço como objeto de estudo da Geografia, a evolução de suas teorizações vêm conferir a este mesmo espaço o estatuto de objeto autônomo, capaz de influir nas relações sociais de produção. Uma vez teorizada a autonomia do espaço, conferido seu estatuto de objeto autônomo, ficou menos ingrata a tarefa de provar a paisagem como sendo sua imagem e representação. Mesmo considerando o intenso debate e as variações de abordagens dentro desta perspectiva da produção, a paisagem é por nós entendida como sendo uma imagem e representação do espaço apropriado e produzido, isto é, a paisagem é considerada dentro da perspectiva da apropriação e produção do espaço.

Associar a paisagem à apropriação e produção do espaço é recente na Geografia, pois esta abordagem surgiu em algumas pontuações desde a Geografia Crítica, com as análises em torno do "ambiente construído" de David Harvey,

ou das "rugosidades" de Milton Santos. Até então, a paisagem era quase um patrimônio da Geografia Cultural, que aparecia associada, quase sempre, a Cultura, a uma dada cultura local ou aquilo que se convencionou identificar como produção material das diferentes culturas frente ao meio em que os homens vivem, quando é geralmente denominada de paisagem cultural.

Milton Santos teve a preocupação em diferenciar Paisagem e Espaço em varias de suas publicações, onde procurou sempre associar a paisagem à produção do espaço como, por exemplo, o fez em "Metamorfoses do espaço habitado" (1996): "A relação entre paisagem e produção está em que cada forma produtiva necessita de um tipo de instrumento de trabalho. Se os instrumentos de trabalho estão ligados ao processo direto da produção, isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, distribuição e consumo. A paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências de espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes." (SANTOS, 1996, p. 66).

A paisagem, mais uma vez, não é espaço, mas sim sua imagem e representação, sendo este o caminho que consideramos que a Geografia deve problematizar esta categoria de análise tão privilegiada atualmente.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Dr. Marcelo Martinelli por sua leitura crítica, assim como questionamentos e reflexões que contribuíram

para o aperfeiçoamento de nossos escritos para o presente artigo.

Bibliografia

ARISTÓTELES. Física. Trad. Gullerme R. de Echandia. Editorial Gredos. Madrid, Espanha, 1995
_____. "Metafísica: o conhecimento"; "Metafísica: crítica ao platonismo"; "Metafísica: a Filosofia". In: MARCONDES, Danilo. "Textos básicos de Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein". Rio de Janeiro: Edit. Jorge Zahar, 2005, p.45-51.

BÉJIN, André. "Teoria da cognição e epistemologia da observação". In: MORIN; Edgard; PIATTELLI-PALMARINI, Massimo. A unidade do homem: invariantes biológicas e universais culturais. São Paulo: Edi Cultrix/EDUSP, 1978, p. 126 a 129.

BENJAMIN, Walter. Libro de los pasajes. Edición de Rolf Tiedemann. Ed. AKAL. Espanha, Madri, 2005.

_____. Sociologia. São Paulo, SP. Ed. ATICA, 1985.

BERQUE, Augustin. "Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Paisagem tempo e cultura. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 1998, p. 84-91.

BERTRAND, G.. "Le paysage entre Ia nature et Ia société". *Révue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*, n,49. p. 16-26.. 1978.

BOBEK, Hans, & Schmitbusen, Josef. "A paisagem e o Sistema Lógico de Geografia". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny Paisagem tempo e cultura. Ed. UFRJ, 1998, p74-83.

CAPEL, Horácio.. *Filosofia y Ciencia en la Geografia Contemporanea*. Ed. Barcanova SA. Barcelona, 1981.

CASTELLS, Manuel. "Posfácio a questão urbana". *Espaço e Debates*. São Paulo, SP. Ano 1, n. 1, jan, p. 9-44, 1981.

CLAVAL, Paul. "A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. p.147 a 166, 2003.

_____. "O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana". P.55 a 87. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny *Matrizes da geografia cultural*. -Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001,146 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. "A Geografia Cultural e o Urbano". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, p.167 a 186, 2003.

_____. "Carl Sauer e a escola de Berkeley: uma apreciação". P.9 a 34. . In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny *Matrizes da geografia cultural*. -Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, 146 p.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os temas e uma agenda*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2003 p.09 a 18.

COSGROVE, Denis. "A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas" In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Paisagem tempo e cultura. Ed. UFRJ, 1998, p.91-122.

_____. "Mundos de significados: Geografia Cultural e imaginação". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny *Geografia cultural: um século (2)*. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2000. p.33 a 60

_____. "Em direção a uma Geografia Cultural Radical: problemas da teoria". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2003, p.103 a 134.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. "Novos rumos da Geografia Cultura". um século (2)". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny *Geografia cultural*. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2000, p.15 a 32.

DOLLFUS, Olivier. *O espaço geográfico*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. Col. Saber Atual. São Paulo: Ed. DIFEL, 1972, 121p.

EINSTEIN, Albert. *Teoria da Relatividade Especial e Geral*. Tradução Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Edit. Contrponto, 1999.

_____. *Escrito da Maturidade: artigos sobre ciência, educação, religião, relações ociais, racismo, ciências sociais e religião*. Tradução Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: edit. Nova Fronteira, 1994.

FOERSTER, Heinz von. "Notas para uma epistemologia dos objetos vivos". In: MORIN; Edgard; PIATTELLI-PALMARINI. *A unidade do homem: invariantes biológicas e universais culturais*. São Paulo: Edi Cultrix/EDUSP, 1872, p. 132 a 147.

- GEORGE, Pierre Os métodos da Geografia. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 2ª. São Paulo: Ed. DIFEL, 1986.119p.
- GOTTIDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. São Paulo: Edusp, 1993, 309p.
- GREGORY, Derek & Martin, Ron & Smith, Susan. "Geografia Humana: Sociedade, espaço e ciência social.". Capt. "Geografia urbana num mundo em mutação.". Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar editor, 1996.
- HARVEY, David. A condição pós moderna. São Paulo, Edições Loyola, 1993, 346p.
_____. A justiça social e a cidade. São Paulo, HUCITEC, 1980, 336p.
- HUMBOLDT, Alexander von. Cosmos [Texte imprimé] : essai d'une description physique du monde. Paris : Gide et J. Baudry, 1855-1859. 4 vol. ; in-8. Traduit par H. Faye ; II. Traduit par Ch. Galusky ; III. Traduit. 4 Vol, N°8, 580p. par H. Faye ; IV. Traduit par Ch. Galusky. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k73654q>
- JOHNSTON, R. J. (). Geography & Geographers: anglo-american Human Geography since 1945. London, Uk: Ed. Arnold, 1997.
- KANT, Immanuel. Critica da razão pura: Doutrina Transcendental dos elementos. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- LA BLACHE. Vidal de. Princípios de Geografia humana. Lisboa. Portugal. Ed. Imprensa artística, 1954.
- LAGO, Pedro. Iconografia Paulistana do século XIX. 2ª. Ed. São Paulo: Ed. Capivara, 2003, 180p.
- LEFEBVRE, Henri, La Production de l'espace. France, Paris: Ed. Anthropos, 1974.
- MARTINELLI, Marcello; PEDROTTI, Franco. "A cartografia das unidades de paisagem: questões metodológicas". In Revista do Departamento de Geografia. FFLCH-USP. São Paulo, SP. 2001, p. 39 a 46.
- MARX, Karl. "Concepção Materialista da História". In GARDNER, Patrick. Teorias da História, Portugal, Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1995, p.153-169.
- MATURANA, Humberto. "Estratégias cognitivas". In: MORIN; Edgard; PIATTELLI-PALMARINI, Massimo. A unidade do homem: invariantes biológicas e universais culturais. São Paulo: Edi Cultrix/EDUSP, 1978, p 148 a 172.
- MIKESELL, Marvin W. "Posfácio: Novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que persistem". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: um século (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, p. 85 a 109. 112 p.
- MORAES, Antônio C. R. Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no longo século XVII. São Paulo: Edit. HUCITEC, 2000.
_____. Geografia: pequena história critica. São Paulo: Edit. HUCITEC, 1988.
_____. Ratzel. São Paulo: Editora Atica, 1990.
_____. A gênese da Geografia. São Paulo. Ed. HUCITEC, 1989.
- MORAES, Antônio C. R. & COSTA, Wamderley Messias da. A valorização do espaço. São Paulo: Edit. HUCITEC, 1987.
- NEWTON, Isaac. "Princípios matemáticos da filosofia natural". in "Princípios matemáticos, ópticos; o peso e o equilíbrio dos fluídos". In "Newton e Leibniz". Tradução Carlos Lopes Martins. São Paulo: Edit. Abril Cultural, 1983, 355p.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. "Imagens de vilas e Cidades do Brasil Colonial". São Paulo: Edit. EDUSP/IMESP, 2001.
- RITTER, Karl. "La organizacion Del espacio em la superficie Del globo: su funcion em el desarrollo histórico". Trad. D. Nicolas Obadia, Paris. 1974.

ROUGERIE, Gabriel. Geografia das paisagens. São Paulo: Edit. DIFEL, 1991.

SANTOS, Marcio. Do concreto no espaço ao Espaço concreto: planejamento versus rugosidades urbanas.. Trabalho de Graduação Individual (TGI). São Paulo: FFLCH-DG-USP, 1994.

_____. O Bom Retiro: uma paisagem paulistana. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP/FFLCH/DG, 2000.

_____. O Espaço humanizado, a Paisagem humanizada e algumas reflexões sobre a paisagem em São Paulo na primeira metade do século XIX. Tese de Doutorado. São Paulo: USP/FFLCH/DG, 2007.

SANTOS, Milton. A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, SP. HUCITEC. 1996

_____. Técnica, Espaço, Tempo. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. Por uma Economia Política da Cidade: o caso de São Paulo. São Paulo: HUCITEC, 1994

_____. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1991.

_____. Por uma Geografia Nova. São Paulo: HUCITEC, 1986.

_____. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. Pensando o Espaço do Homem. São Paulo: SP. HUCITEC, 1982.

SARTRE, Jean Paul. A imaginação. São Paulo. Edit. DIFEL, 1982.

SAUER, Carl. "A morfologia da paisagem". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Paisagem tempo e cultura. Ed. UFRJ, 1998, p17-74.

_____. "Geografia Cultural". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2003, p.19 a 29.

SEEMANN, Johm. "Mapeando culturas e espaços: uma revisão para a geografia cultural no Brasil". In ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTI, Alessandro JP; Geografia: leituras culturais. Goiânia. Editora Alternativa, 2003, p. 261 a 284.

SOJA, Edward W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social critica. Rio de Janeiro: edit. Jorge Zahar, 1993.

Trabalho enviado em setembro de 2009

Trabalho aceito em abril de 2010